

COMÉRCIO BILATERAL BRASIL-CHINA: UMA ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE (1990-2012)

Juliane Regina Rorig
Universidade Federal de Santa Maria
rorig.juliane@gmail.com

Paulo Ricardo Feistel
Universidade Federal de Santa Maria
prfesitel@yahoo.com.br

ÁREA TEMÁTICA: Economia e Relações Internacionais

RESUMO

Em 2009 a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil, superando tradicionais parceiros como os Estados Unidos e a União Europeia. No decorrer dos anos, veio ocorrendo uma especialização dos países em desenvolvimento na produção e exportação de bens primários, e na importação de bens de maior intensidade tecnológica. Esse cenário pode levar a um processo de desindustrialização da economia em desenvolvimento, bem como torná-la mais vulnerável a demanda externa, uma vez que suas exportações se concentram em determinados produtos. Assim, o objetivo principal deste trabalho é analisar o perfil do comércio bilateral Brasil-China, a fim de conhecer a estrutura das exportações/importações, no período pós-abertura comercial, 1990 a 2012. Para isso, realiza-se a análise dos Índices de Concentração de Gini-Hirschman por produto e por destino, Índice de Vantagem Comparativa Revelada e Simétrica e Índice de Comércio Intra-Industrial proposto por Grubel e Lloyd (1975). Os resultados encontrados apontam que tanto as exportações quanto as importações da China apresentam alto grau de concentração, em torno de 0,56 e 0,49, respectivamente. Já o índice de concentração por destino mostrou ser mais diversificado, em torno de 0,27 para as exportações e importações. Quanto ao índice de Vantagem Comparativa, os grupos de produtos de Alimentos e Bebidas e Minerais se destacam como principais produtos em que o Brasil detém Vantagens Comparativas na produção. E por fim, o comércio com a China caracterizou-se como sendo essencialmente inter-industrial. Em uma análise de curto prazo, verifica-se a necessidade de investimentos para a ampliação de mercados em setores nos quais o país já apresenta certo desenvolvimento e participação nas exportações para a China, como os setores de Calçados e Couros, Madeira e Mobiliário, Material de Transporte.

Palavras Chave: Comércio Internacional; Brasil-China; Comércio Intra-Industrial.

1. INTRODUÇÃO

O processo de abertura comercial brasileira ocorrido no início da década de 90, juntamente com o novo cenário de estabilização monetária, foram os marcos no desenvolvimento das relações econômicas do Brasil. Nesse período, com o intuito de ampliar o grau de inserção da economia brasileira na economia mundial, realizou-se intensas mudanças na política comercial, como a revogação de uma série de barreiras não tarifárias e também acordos comerciais, principalmente com países do MERCOSUL e países asiáticos.

A fim de tornar-se mais competitivo no cenário mundial, desde a abertura comercial, o Brasil buscou conquistar novos parceiros, além dos já tradicionais Estados Unidos e União Europeia. Assim, no governo de Itamar Franco, em 1993, o comércio com países asiáticos, especialmente com a China, passou a ser meta prioritária nas relações internacionais do Brasil. Hoje, o Brasil mantém uma relação de comércio com todos os continentes, porém com mais intensidade com o continente asiático.

O comércio com a China foi crescendo de ano a ano e a partir de 2009 a China passa a ser o principal parceiro comercial do Brasil, ultrapassando os Estados Unidos. Comparando-se os dados do início do século XXI, com os dados de 2009, verifica-se que no ano 2000 o comércio com a China representava cerca de 2,0% do total das exportações brasileiras, já no ano de 2009, as exportações para a China atingiram 13,3% do total e em 2012 essa representatividade aumentou para 17%¹. Diante desse aumento significativo de comércio com a China, se torna necessário uma análise do comércio bilateral Brasil - China.

As economias em desenvolvimento estão se tornando cada vez mais especializadas no que se refere ao comércio internacional. Uma das formas de observar esse fato é pela pauta de importações e exportações dos países em desenvolvimento. As exportações muitas vezes são altamente concentradas, compostas basicamente por produtos intensivos em recursos naturais. Já, as importações, são formadas principalmente por produtos intensivos em tecnologia.

A crescente troca de mercadorias que apresentam um baixo valor tecnológico por mercadorias industrializadas vem trazendo à tona a questão sobre a desindustrialização da economia brasileira. Segundo (CASTRO, 2011) isso implicaria retroceder no processo de acumulação lançado por Getúlio Vargas. Destaca-se também o grau de concentração das

¹ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB.

exportações, uma vez que países que concentram suas exportações em poucos produtos se tornam vulneráveis às economias externas.

Diante disso, questiona-se: é possível diversificar o comércio bilateral do Brasil e China em outros segmentos produtivos, além das tradicionais exportações de bens primários do Brasil e importações de bens tecnológicos? Trabalha-se com a hipótese de que visando vantagens comparativas, o comércio com a China é altamente concentrado e caracteriza-se como sendo inter-industrial. No entanto, a partir de políticas industriais, pode existir a possibilidade de que as exportações e importações de determinados grupos de produtos venham a ocorrer em um nível de comércio intra-industrial.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa é analisar o perfil do comércio bilateral Brasil/China, bem como a estrutura das exportações e importações, no período pós-abertura comercial 1990 até 2012. Dessa forma, os objetivos específicos consistem em: Analisar a evolução das relações de troca do Brasil com a China; Investigar as vantagens comparativas, o grau de concentração e de comércio intra-indústria dos produtos exportados e importados; Verificar a importância dos resultados obtidos para a economia brasileira.

O artigo está dividido em três capítulos além desta introdução. Na seção dois, é feita uma primeira análise do comércio bilateral Brasil e China. Na seção três, apresentam-se os aspectos metodológicos e as análises dos resultados. Finalmente, na seção quatro são apresentadas às considerações finais do trabalho.

2. PANORAMA DAS ECONOMIAS BRASIL E CHINA

2.1 Desempenho do comércio Brasil e China

O comércio bilateral Brasil-China passou por um processo de intensificação extraordinário. Embora o mesmo tenha acontecido no comércio com outros mercados emergentes – Rússia, África do Sul e Índia –, a importância adquirida pela China tanto como fornecedora quanto compradora de produtos se tornou bem superior aos demais.

O comércio com a China durante a década de 90 apresentou um crescimento mais modesto comparado com o período do ano de 2000 em diante. As exportações apresentaram um crescimento médio de 17% ao ano entre os anos de 1990 a 2000, já as importações

apresentaram um crescimento de cerca de 30% ao ano. O significativo aumento das importações levou a geração de déficits fiscais na balança comercial nos anos de 1996 a 2000².

De 2000 a 2012, as exportações do Brasil para a China apresentaram um crescimento médio anual de 34,5%, motivado pelo aumento dos preços de commodities no mercado internacional, enquanto que as importações cresceram em média 33% anualmente³.

O crescimento da participação chinesa no comércio exterior do Brasil fica evidente ao observar o Gráfico 1, que apresenta a evolução da participação da China nas exportações e importações do Brasil entre os anos de 1990 a 2012.

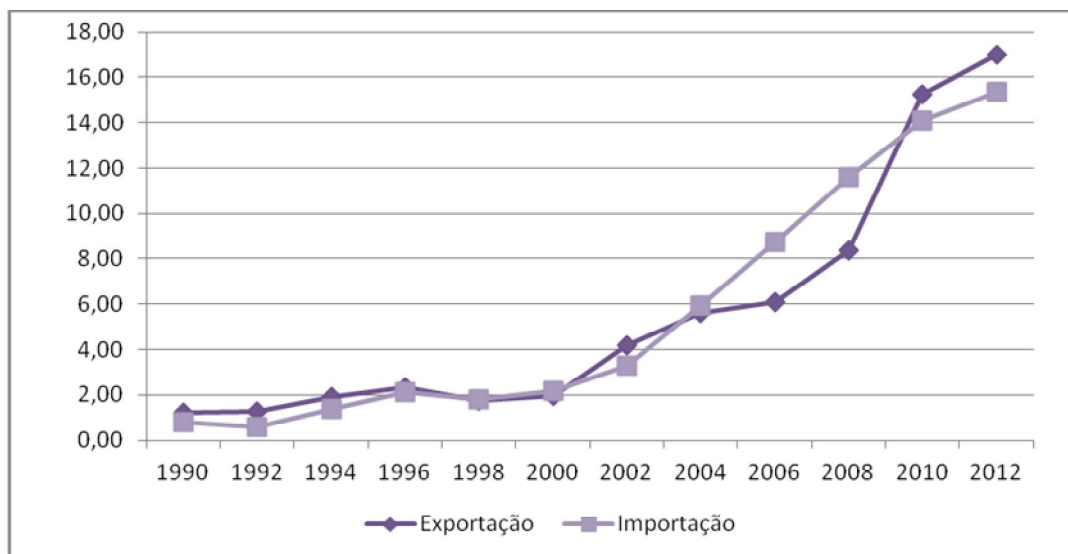


Gráfico 1 – Participação da China nas exportações e importações do Brasil, 1990 - 2012, (%).
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Sistema Alice Web – MDIC/Secex

Verifica-se uma tendência de crescimento da participação da China tanto nas importações, quanto nas exportações durante todo o período de 1990 a 2012. Na década de 90 o crescimento foi mais moderado, encerrando os anos 90 com participação da China de 1,97% nas exportações e 2,19% nas importações brasileiras. (Ver gráfico 1)

A partir de 2000, observa-se no Gráfico 1 um crescimento mais significativo. A participação chinesa passou de 4,17% em 2002 para 8,97% em 2008, e encerrou 2012 com representatividade de 17%. Um aumento de quase 14 vezes em todo o período analisado. Em

² Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

³ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

relação às importações, estas apresentaram um aumento de 19 vezes, entre os anos de 1990 a 2012. Em 2002 o valor correspondia a 3,29% do total comercializado, passando para 12% em 2008 e para 15,35% em 2012.

A seguir, na Tabela 1, apresenta-se o total exportado e importado e o saldo comercial do Brasil com a China em comparação ao saldo comercial do Brasil com o Mundo, a fim de analisar a representatividade e a importância do comércio sino-brasileiro.

Tabela 1 - Evolução do saldo da balança Comercial, Brasil-Mundo e Brasil-China, 1990 a 2012.

Anos	Mundo			China		
	Exportações (US\$)	Importações (US\$)	Saldo (US\$)	Exportações (US\$)	Importações (US\$)	Saldo (US\$)
1990	31.413.756.040	20.661.362.039	10.752.394.001	381.803.845	168.792.327	213.011.518
1991	31.620.439.443	21.040.470.792	10.579.968.651	226.405.821	129.040.536	97.365.285
1992	35.792.985.844	20.554.091.051	15.238.894.793	460.031.616	116.775.031	343.256.585
1993	38.554.769.047	25.256.000.927	13.298.768.120	779.394.972	304.856.536	474.538.436
1994	43.545.148.862	33.078.690.132	10.466.458.730	822.416.147	463.495.924	358.920.223
1995	46.506.282.414	49.971.896.207	-3.465.613.793	1.203.750.528	1.041.728.048	162.022.480
1996	47.746.728.158	53.345.767.156	-5.599.038.998	1.113.828.697	1.132.883.363	-19.054.666
1997	52.982.725.829	59.747.227.088	-6.764.501.259	1.088.213.686	1.166.420.980	-78.207.294
1998	51.139.861.545	57.763.475.974	-6.623.614.429	904.879.640	1.033.806.095	-128.926.455
1999	48.012.789.947	49.301.557.692	-1.288.767.745	676.142.137	865.219.126	-189.076.989
2000	55.118.919.865	55.850.663.138	-731.743.273	1.085.301.597	1.222.098.317	-136.796.720
2001	58.286.593.021	55.601.758.416	2.684.834.605	1.902.122.203	1.328.389.311	573.732.892
2002	60.438.653.035	47.242.654.199	13.195.998.836	2.520.978.671	1.553.993.640	966.985.031
2003	73.203.222.075	48.325.566.630	24.877.655.445	4.533.363.162	2.147.801.000	2.385.562.162
2004	96.677.498.766	62.835.615.629	33.841.883.137	5.441.405.712	3.710.477.153	1.730.928.559
2005	118.529.184.899	73.600.375.672	44.928.809.227	6.834.996.980	5.354.519.361	1.480.477.619
2006	137.807.469.531	91.350.840.805	46.456.628.726	8.402.368.827	7.990.448.434	411.920.393
2007	160.649.072.830	120.617.446.250	40.031.626.580	10.748.813.792	12.621.273.347	1.872.459.555
2008	197.942.442.909	172.984.767.614	24.957.675.295	16.522.652.160	20.044.460.592	-3.521.808.43
2009	152.994.742.805	127.722.342.988	25.272.399.817	21.003.886.286	15.911.133.748	5.092.752.538
2010	201.915.285.335	181.768.427.438	20.146.857.897	30.785.906.442	25.595.419.005	5.190.487.437
2011	256.039.574.768	226.246.755.801	29.792.818.967	44.314.595.336	32.790.634.943	11.523.960.393
2012	242.579.775.763	223.173.180.307	19.406.595.456	41.227.540.253	34.250.799.465	6.976.740.788

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do Sistema Alice Web – MDIC/Secex

A balança comercial do Brasil com relação ao mundo não apresentou um desempenho considerado favorável até o início dos anos 2000, destacando que foi deficitária de 1995 a 2000. Um dos motivos que explica esses déficits foi a criação do plano real, em 1994, e a adoção do regime de política de bandas cambiais, em 1995. Esses dois motivos foram responsáveis pela sobrevalorização do real, que facilitou a entrada de produtos estrangeiros,

pois se tornou mais barato para o Brasil importar produtos no mercado internacional. Além disso, o Brasil vivenciava um período de altas taxas de juros, que inibia investimentos produtivos (ALMEIDA, 2000).

A reversão do quadro de sucessivos déficits na balança comercial ocorre a partir de 2001. Desse período em diante inicia-se o ajuste das contas externas. Tal ajuste é o resultado positivo da política de desvalorização do real. Observa-se que 2001 até 2012 o saldo foi sempre superavitário, apresentando uma tendência de crescimento até 2006. E a partir de 2008, ocorrem reduções motivadas pela crise internacional que abalou diversas economias mundiais. No ano de 2012 observou-se o pior desempenho dos últimos dez anos, com um superávit de US\$ 19,4 bilhões, com exceção apenas do ano de 2002, que apresentou um superávit de US\$ 13,2 bilhões (ÁVILLA, 2003).

De 1990 a 2000, a balança comercial com relação à China apresentou uma tendência similar à balança comercial com relação ao mundo. Observaram-se déficits nos anos 1996 a 2000. A partir de 2001 até 2012, a balança foi superavitária, com exceção dos anos de 2007 e 2008, nos quais se verificou déficits de US\$ 1,8 bilhões e US\$ 3,5 bilhões, respectivamente. No ano de 2011 verifica-se o maior saldo de US\$ 11,5 bilhões, seguido de uma queda de cerca de 40% no ano de 2012, com um saldo de US\$ 6,9 bilhões⁴.

A partir disso permite-se constatar que o saldo tem sido, ao longo do tempo, mais favorável ao Brasil. Apenas no período compreendido entre 1996 e 2000 ocorreram déficits, mas pouco significativos. No pior ano, 1999, o saldo para o Brasil ficou negativo em US\$ 189 milhões.

2.2 Estrutura do Comércio Brasil e China

Além de conhecer o desempenho do comércio bilateral, busca-se analisar a estrutura deste, ou seja, a composição por setores e produtos da pauta de comércio do Brasil. Para isso, foram agrupadas as exportações e importações em 14 grupos de produtos, denominados setores, conforme apresentado no Anexo A⁵.

⁴ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

⁵ Essa divisão é baseado na metodologia de THORSTENSEN, V et al (1994).

Na Tabela 2, a seguir, está representada a evolução da estrutura das exportações e importações do Brasil para a China no período de 1990 a 2012, segundo a classificação por grupos de produtos.

Tabela 2 - Estrutura do Comércio Exterior do Brasil para a China por grupo de produtos, 1990 - 2012, participação em %.

	1990		1994		1998		2002		2006		2012	
Grupo de Produtos	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.
Alimentos e Bebidas	34,91	9,70	52,37	8,32	60,35	3,17	41,35	1,96	32,99	1,04	37,26	2,00
Minerais	13,50	54,76	17,66	8,31	22,20	9,62	25,08	14,69	42,98	1,92	49,01	0,67
Produtos Químicos	4,36	14,01	0,68	14,16	5,41	12,52	1,04	14,52	1,44	9,09	0,67	8,76
Plásticos e Borracha	2,74	0,24	0,47	1,92	0,44	2,44	1,27	1,47	2,04	3,29	0,71	4,24
Calçados e Couro	0,82	2,29	0,84	6,9	1,70	7,98	3,55	4,15	4,58	2,60	1,19	1,93
Madeira e Mobiliário	0,11	0,05	0,07	0,10	0,23	0,44	3,10	0,13	2,00	0,11	0,12	0,14
Papel e Celulose	0,64	0,01	1,16	0,13	2,82	0,38	5,57	0,14	4,80	0,27	3,19	0,83
Têxtil	7,31	1,48	0,22	10,62	0,09	10,05	0,62	6,03	0,61	7,60	1,80	9,69
Minerais Não-Metálicos	31,61	0,86	21,60	1,40	2,09	1,84	6,31	1,45	2,24	2,33	1,75	4,59
Metais Comuns	1,96	2,32	1,13	3,15	0,26	4,06	0,91	3,78	0,74	3,99	0,79	5,32
Máquinas e Equipamentos	0,26	11,84	2,95	34,17	2,63	32,75	7,03	39,79	4,51	56,79	1,12	51,78
Material de Transporte	1,70	0,05	0,61	1,89	1,58	1,33	3,81	1,25	0,86	1,82	2,25	3,68
Ótica e Instrumentos	0,05	0,44	0,22	2,58	0,15	4,19	0,30	7,17	0,14	6,19	0,07	2,64
Outros	0,00	1,95	0,00	6,34	0,06	9,22	0,05	3,46	0,07	2,95	0,09	3,63

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do Sistema Alice Web – MDIC/Secex

De acordo com a Tabela 2, os setores de maior representatividade na pauta de exportações, no decorrer do período, são os grupos de Alimentos e Bebidas, Minerais e Minerais não-metálicos, que juntos corresponderam a 80% do total comercializado no ano de 1990 e a 88% no ano de 2012. Não houve um significativo crescimento, pois desde o início das relações comerciais com a China, a pauta exportadora do Brasil concentrou-se em bens intensivos em recursos naturais, ao contrário das importações que se concentraram em bens intensivos em tecnologia. Vale ressaltar que o grupo de Minerais Não Metálicos apresentou uma forte queda, passando de uma participação de 21,6% em 1994, para 1,75% em 2012.

O grupo de Alimentos e Bebidas foi o principal setor da pauta exportadora para China até o ano de 2004, isso deriva da crescente demanda chinesa por produtos primários. No entanto, a partir de 2005 o setor mais representativo passa a ser o grupo de Minerais. Em 2012, o grupo de minerais correspondeu a 49% das exportações e o grupo de Alimentos e

Bebidas a 37% (Ver Tabela 2). Cabe destacar, que no comércio externo do Brasil com o mundo, o setor mais representativo ainda é o grupo de Alimentos e Bebidas com 31% do total exportado em 2012, e em segundo lugar o grupo de Minerais com 28% do total⁶.

Na análise dos produtos manufaturados apresentados na Tabela 2, verifica-se que suas participações na pauta exportadora foram oscilantes. O grupo de Calçados e Couros representava 0,92% em 1990, apresentando tendência de crescimento até 2006, quando atinge 4,58%. Já em 2012 essa participação reduz para 1,19%.

Ainda, de acordo com a Tabela 2, o grupo de Máquinas e Equipamentos e Material de Transporte tiveram sua maior expressividade em 2002, quando atingem 7,03% e 3,81% da pauta exportadora, respectivamente. Encerram 2012 com uma representatividade de 1,12% e 2,25%, observando-se uma redução de 84% no grupo de Máquinas e Equipamentos e uma redução de 41% no grupo de Material de Transporte. Esses setores são caracterizados por serem intensivos em capital e com alto valor agregado. Dessa forma, percebe-se a pouca competitividade do Brasil na exportação desses setores para a China.

Os demais grupos de produtos manufaturados apresentaram uma pequena variação e participação pouco considerável no comércio, como Produtos Químicos, Metais Comuns, Ótica e Instrumentos, que representaram em 2012, respectivamente, 0,67%, 0,79 % e 0,07 %. (Ver Tabela 2)

Analisando agora pelo lado das importações, verifica-se na Tabela 2 que poucos setores são responsáveis por grande representatividade no total das importações. O grupo de Máquinas e Equipamentos, Produtos Químicos, Têxtil e Plástico e Borracha, representaram conjuntamente 74,5% do valor importado no ano de 2012. Ressalta-se que dentre eles o de maior peso é o grupo de Máquinas e Equipamentos, que sozinho representou 51,78%.

No ano de 1990, merece destaque o grupo de Minerais, que representava 54,76% das importações, seguido do grupo de Produtos Químicos com 14,01%. No entanto, durante o período, ocorre uma redução de 99% das importações de Minerais, e encerra 2012 com participação de 0,67%. Assim, o Brasil deixa de ser importador e passa a ser exportador de Minerais, pois o percentual das exportações de Minerais de 1990 a 2012 apresentou um significativo aumento e em 2012 representou 49,01% das exportações. (Ver Tabela 2)

No entanto, com exceção de 1990, o grupo de maior destaque na pauta importadora é o grupo de Máquinas e Equipamentos, que aumentou sua participação de 11,84% em 1990, para 51,78% em 2012, um aumento de 330%.

⁶ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

Ainda, de acordo com a Tabela 2, os grupos de Material de Transporte, Ótica e Instrumentos, Papel e Celulose, Calçados e Couros, apresentaram crescimentos mais modestos, encerrando 2012 com participação de 3,68%, 2,64%, 1,93%, respectivamente.

Já em relação aos bens primários, observa-se uma redução da participação dos mesmos. O grupo de Alimentos e Bebidas representava em 1990, 9,70% das importações, já em 2012, 2% das importações, uma redução de quase 80%.

Nesse sentido, fica claro a especialização que veio ocorrendo no comércio bilateral do Brasil e China. A China produzindo bens manufaturados e tecnológicos e o Brasil produzindo bens intensivos em recursos naturais, e assim modelando as importações e exportações de cada país. As exportações brasileiras concentrando-se no grupo de Alimentos e Bebidas e Minerais, e as Importações concentrando-se em Máquinas e Equipamentos, Produtos Químicos e Têxtil.

3. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Para alcançar os objetivos do presente estudo, propõem-se analisar a evolução do comércio entre Brasil e China, através de saldos da balança comercial, exportações, importações, divisão por setores, além de utilizar alguns indicadores de medida. O coeficiente de *Gini-Hirschman* é utilizado com o intuito de mensurar a concentração por produtos e por destino das exportações do Brasil. Em seguida, serão utilizados dois indicadores de vantagens comparativas, o índice de vantagem comparativa revelada (VCR) de Balassa (1965) e o índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCS) de Laursen (1998), com a finalidade de caracterizar os produtos com vantagens comparativas do país. Também, a fim de avaliar se o comércio exterior do Brasil com a China caracteriza-se como interindustrial ou intra-industrial, utilizou-se o índice de comércio intra-indústria de Grubel e Lloyd (1975).

As informações do comércio brasileiro utilizadas no estudo serão obtidas a partir da base brasileira de dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior, Aliceweb, da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), enquanto que as informações estatísticas sobre a economia chinesa serão extraídas do banco de dados fornecidos pela *United Nations Commodity Trade Statistics* (2012).

3.1 A Concentração das Exportações e Importações: O Índice de *Gini- Hirschman*

O indicador de maior utilização e aplicabilidade no meio econômico, para mensurar a concentração das exportações e importações tanto em relação aos produtos, como em relação aos destinos, é o coeficiente Gini- Hirschman. Utilizar-se-á o Coeficiente de Gini-Hirschman para calcular o Índice de Concentração por Setor e/ou Produto e para o cálculo do Índice de Concentração por Destino.

O Índice de Concentração por Setor e/ou Produto, utilizado para analisar o grau de concentração da pauta de exportações/importações, de acordo com Love (1979 apud FEISTEL e HIDALGO, 2011) é definido por:

$$ICP = \sqrt{\sum_i (X_{ij}^n / X_j^n)^2} \quad (1)$$

No qual, X_{ij} representa as exportações do bem i , feitas pelo país j , e X_j representa as exportações totais da região j . O valor desse índice está definido no intervalo entre 0 e 1. Quando o índice ICP for alto, o país em questão tem suas exportações concentradas em poucos produtos. No entanto, um índice ICP baixo reflete maior diversificação de produtos na pauta das exportações.

O índice de concentração das exportações por países de destino, ICD, mede o grau de concentração das exportações entre os países importadores. De acordo com Love (1979 apud FEISTEL e HIDALGO, 2011) este índice pode ser obtido por:

$$ICD = \sqrt{\sum_j (X_{ij}^n / X_j^n)^2} \quad (2)$$

No qual, X_{ij} representa as exportações do país j para o país i , e X_j representa as exportações totais do país j . O valor do Índice de Concentração por Destino assume valores entre zero e um ($0 \leq ICD \leq 1$). Um valor próximo à unidade indica que as exportações brasileiras encontram-se concentradas, ou seja, um número reduzido de países tem uma forte predominância nas exportações do Brasil. Por outro lado, um Índice de Concentração por Destino baixo reflete uma maior diversificação no comércio do Brasil.

A Tabela 3, a seguir, mostra o índice de concentração das exportações e importações por produtos e por destino, do Brasil para a China, no período de 1990 a 2012.

Tabela 3: Concentração das exportações e importações por produtos e por destino, do Brasil para a China, no período de 1990 a 2012.

Anos	Exportações		Importações	
	ICP	ICD	ICP	ICD
1992	0,50	0,29	0,59	0,26
1994	0,43	0,25	0,44	0,28
1996	0,59	0,26	0,42	0,28
1998	0,63	0,26	0,38	0,29
2000	0,65	0,26	0,40	0,31
2002	0,50	0,29	0,46	0,29
2004	0,51	0,28	0,52	0,28
2006	0,55	0,26	0,59	0,25
2008	0,59	0,23	0,53	0,24
2010	0,65	0,21	0,56	0,24
2012	0,62	0,23	0,54	0,25

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do Sistema Alice Web – MDIC/Secex

O Índice de Concentração das exportações do Brasil para a China expressa uma média de 0,56 no período de 1990 a 2012. Já o índice de importações expressa uma média de 0,49 no período. Isso significa que as exportações do Brasil com destino a China são mais concentradas em poucos produtos do que as importações provenientes da China, que demonstrou ser mais diversificada. No entanto, cabe ressaltar que tanto as importações quanto as exportações apresentam índices altos. (Ver Tabela 3)

Durante o período analisado é observado na Tabela 3, que ocorre um aumento de concentração das exportações. Em 1990 o índice era de 0,50, oscilando até 2000, ano em que apresenta um índice de 0,51, e aumentando até 2012 quando atinge 0,62. A maior concentração das exportações é observada em 2010 com um índice de 0,65. Um motivo dessa concentração é devido o aumento das exportações de commodities como produção de lavouras temporárias, principalmente do complexo da soja, extração de minério de ferro, extração de petróleo e gás natural, produção de celulose e curtimento e outras preparações de couros. As exportações desses produtos representaram 83,77% do total exportado pelo Brasil para a China em 2010⁷.

Ainda na Tabela 3, os índices de concentração das importações apresentaram uma redução, passando de 0,59 em 1990 para 0,54 em 2012, indicando que ocorreu uma diversificação dos produtos provenientes da China. Apesar dessa redução o índice continua

⁷ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

alto, e as importações se concentram em produtos manufaturados e com maior utilização de capital. O grupo de Máquinas e Equipamentos, Produtos Químicos, Têxtil e Plástico e Borracha, representaram conjuntamente 74,5% do valor importado no ano de 2012. Ressalta-se que dentre eles o de maior peso é o grupo de Máquinas e Equipamentos, que sozinho representou 51,78% em 2012⁸.

A situação verificada pela maior diversificação das importações em comparação as exportações, vai de acordo com a expectativa de comércio de um país, pois geralmente o comércio internacional leva a uma diversificação do consumo e a uma especialização da produção.

Os resultados sobre a concentração das exportações e importações vão de acordo com as análises de (PUGA *et al*, 2004), que observa que enquanto o Brasil exporta para a China principalmente produtos intensivos em recursos naturais, destacando o complexo de soja, minério de ferro e siderurgia, a presença da China nas importações brasileiras incorpora produtos de alta e média tecnologia, destacando os segmentos de eletrônicos, comunicação e química, seguidos das importações de carvão mineral.

Quanto ao índice de concentração por destino (ICD) foram analisados os 30 principais países de destino e de origem das exportações e importações do Brasil⁹.

O índice de concentração das exportações por destino apresentou uma redução de 1992 a 2000, passando de 0,29 a 0,26, respectivamente. Em 2002 este índice voltou a subir e apresentou 0,29. Depois voltou a cair e encerrou 2012 com um índice de 0,23. O índice de concentração das importações apresentou tendência de crescimento de 1990 a 2000, passando de 0,26 em 1992, para 0,31 em 2000. Após esse período começou a diminuir, e em 2012 esse índice foi de 0,25. (Ver Tabela 4). Constatase assim que existe um grau de concentração de países de destino e de origem do comércio exterior do Brasil.

Os principais destino das exportações brasileiras, concentram-se em três países no período pós abertura comercial: China, Estados Unidos e Argentina. No ano de 1990 a China participava com apenas 1,2% das vendas externas brasileiras, esse número aumenta para 1,9% em 2000, e a partir de 2000 começa um rápido e expressivo aumento atingindo 17% em 2012. Situação inversa ocorreu com os Estados Unidos. Em 1990 participava com 24,2%, diminuindo para 23,9% em 2000. No entanto sua posição de principal parceiro consolidou-se

⁸ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

⁹ A amostra de países para a análise por destino foi obtida junto ao Ministério de Desenvolvimento/ Secretária de Comércio Exterior, baseando-se na lista dos 30 principais parceiros comerciais do Brasil em 2011.

até 2009, quando a China ultrapassou o comércio com o Brasil. Em 2012, sua participação foi de 11%, em contraposição aos 17% da participação chinesa¹⁰.

A Argentina, que nos anos 90 tinha uma pequena participação nas exportações brasileiras, com o surgimento do Mercosul conheceu forte crescimento, sendo que em 2000 chegou a representar 11,3%, porém, caindo para 7,4% em 2012. Ressalta-se que cerca de 90% das exportações para a Argentina é composta por produtos manufaturados, diferentemente do que ocorre com as exportações para a China¹¹.

Pelo lado das importações os Estados Unidos foram os principais fornecedores do Brasil até o ano de 2012, quando perde sua posição hegemônica para a China. Em 1990, sua participação representava 20,1% das importações brasileiras, em 2000 aumentou para 23,1% e encerrou 2012 com 14,5%. Já a China, em 1990 participava com apenas 0,8%, aumentando para 2,2% em 2000 e após esse período ocorre um significativo aumento, representando 15,3% das importações brasileiras em 2012¹².

A Argentina, que chegou a ser responsável por 12,2% das importações brasileiras no ano 2000, teve sua participação reduzida continuamente até atingir 7,4% em 2012. Isto pode ser explicado pelas crises internas e externas em que esteve envolvida, a decretação de moratória que interfere na sua credibilidade internacional, provocando a contração de seu parque industrial¹³.

3.2 As Vantagens Comparativas

Nesta seção busca-se analisar a estrutura relativa das exportações do Brasil com a China através do Índice de Vantagem Comparativa Revelada e de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica.

O conceito de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) originou diversos indicadores de desempenho, sendo o Índice de Vantagem Comparativa Revelada, de Bela Balassa (1965) e o Índice Simétrico de Vantagem Comparativa Revelada (VCS) de Laursen (1998), os indicadores de maior utilização. De acordo com Love (1979 apud FEISTEL e HIDALGO,

¹⁰ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

¹¹ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

¹² Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

¹³ Fonte: Dados MDIC/SECEX, sistema ALICEWEB

2011), o índice de vantagem comparativa revelada para um país j , em um setor industrial ou grupo de indústrias i , pode ser definido da seguinte maneira:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} \quad (3)$$

No qual, X_{ij} representa o valor das exportações do produto i do Brasil, X_{iz} representa o valor das exportações mundiais do produto i , X_j representa o valor total das exportações do país e , X_z representa o valor total das exportações mundiais. Se o resultado obtido apresentar $VCR_{ij} > 1$, então o país j possui vantagem comparativa revelada no produto i ; e se o índice mostrar $VCR_{ij} < 1$, o país apresenta desvantagem comparativa revelada no produto i .

O índice de vantagem comparativa revelada simétrica, de acordo com Love (1979 apud FEISTEL e HIDALGO, 2011), é dado pela seguinte expressão:

$$VCS_{ij} = \frac{VCR_{ij}-1}{VCR_{ij}+1} \quad (4)$$

O índice VCS, diferentemente do índice VCR, varia entre -1 e +1. Se o valor do índice VCS_{ij} se encontrar entre +1 e 0, o país j possui vantagem comparativa revelada no produto i . Por outro lado, valores do índice VCS_{ij} entre -1 e 0 indicam que o país apresenta desvantagem comparativa revelada no produto i .

O índice de VCR fornece resultados da estrutura relativa de um país. Quando um determinado país exporta grandes quantidades de um produto em relação a um total geral, nesse caso as exportações mundiais desse mesmo produto, indica que o país possui vantagem comparativa na produção deste bem. O cálculo da VCS está baseado no valor das exportações, por considerar que as importações são afetadas por medidas de proteção de comércio dos demais países.

Tabela 4 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica, 1990 a 2012.

(continua)

	1990	1992	1994	1996	1998	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012
Grupo de Produtos												
Alimentos e Bebidas	0,62	0,14	0,69	0,84	0,85	0,89	0,81	0,89	0,88	0,90	0,75	0,79
Minerais	0,32	0,45	0,63	0,26	0,57	0,47	0,44	0,41	0,49	0,43	0,59	0,58
Produtos Químicos	-0,22	-0,35	-0,83	-0,78	-0,20	-0,55	-0,79	-0,64	-0,71	-0,84	-0,88	-0,86

Tabela 4 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica, 1990 a 2012.

(conclusão)

	1990	1992	1994	1996	1998	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012
Grupo de Produtos												
Plásticos e Borracha	-0,17	0,02	-0,79	-0,51	-0,81	-0,16	-0,52	-0,68	-0,34	-0,73	-0,77	-0,72
Calçados e Couro	-0,39	-0,49	-0,45	-0,65	-0,03	0,16	0,36	0,42	0,54	0,31	-0,08	-0,04
Madeira e Mobiliário	-0,87	-0,87	-0,91	-0,87	-0,68	0,46	0,47	0,39	0,35	-0,16	-0,50	-0,70
Papel e Celulose	-0,67	-0,09	-0,41	-0,19	0,03	0,39	0,40	0,43	0,45	0,45	0,38	0,35
Têxtil	0,08	-0,24	-0,94	-0,93	-0,97	-0,97	-0,80	-0,80	-0,77	-0,85	-0,79	-0,38
Minerais Não-Metálicos	0,70	0,63	0,61	0,13	-0,45	-0,05	0,12	0,16	-0,44	-0,34	-0,53	-0,59
Metais Comuns	-0,46	0,72	-0,60	-0,41	-0,90	-0,89	-0,66	-0,77	-0,76	-0,80	-0,69	-0,71
Máquinas e Equipamentos	-0,98	-0,85	-0,81	-0,73	-0,84	-0,77	-0,61	-0,72	-0,72	-0,83	-0,92	-0,91
Material de Transporte	-0,80	-0,99	-0,91	-0,22	-0,79	-0,44	-0,54	-0,60	-0,86	-0,73	-0,77	-0,63
Ótica e Instrumentos	-0,97	-0,89	-0,88	-0,87	-0,92	-0,82	-0,84	-0,90	-0,92	-0,94	-0,96	-0,97
Outros	-1,00	-0,99	-1,00	-1,00	-0,98	-0,98	-0,98	-0,97	-0,97	-0,98	-0,99	-0,97

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do Sistema Alice Web – MDIC/Secex

A Tabela 4, apresentada acima, mostra a evolução do índice de vantagem comparativa revelada simétrica, durante o período 1990 a 2012, do Brasil com a China, seguindo a classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM).

Analisando a Tabela 4, observa-se que em todos os anos analisados o Brasil apresentou Vantagens Comparativas na produção dos grupos de Alimentos e Bebidas e Minerais. O índice do grupo de Alimentos e Bebidas apresentou uma tendência de alta de 1990 a 2008, passando de 0,62, em 1990, para 0,90, em 2008. Após 2008 ocorre uma redução chegando em 2012 com um índice de 0,79. O grupo de Minerais apresentou índices oscilantes no período, mas comparando o início e o fim do período analisado, em 1992 o índice era de 0,45, e em 2012 foi de 0,58.

O grupo de Papel e Celulose, a partir do ano de 1998, mostra índices positivos, assim a partir de 1998 o Brasil passa a ter vantagens comparativas na produção do grupo de Papel e Celulose. Em 1998 o índice de Vantagem Comparativa era de 0,03, atingindo 0,45 em 2006 e encerrando 2012 com um índice de 0,35.

De acordo com a Tabela 4, outro grupo que apresentou Vantagem Comparativa foi o grupo de Calçados e Couros, durante os anos de 2000 a 2008. Já a partir de 2010 os índices verificados foram negativos, encerrando 2012 com um índice de -0,04. Merece destaque também o grupo de Minerais não metálicos e Madeira e Mobiliário. Em 1990, o índice do grupo de Minerais não metálicos era de 0,70, porém caiu tendencialmente durante o período, e

em 2012 este foi -0,59. O grupo de Madeira e Mobiliário apresentou Vantagem Comparativa durante os anos de 2000 a 2006, sendo que em 2002 verificou-se o maior índice de 0,47.

Todos os demais grupos de produtos como Máquinas e Equipamentos, Material de Transporte, Ótica e Instrumentos, Produtos Químicos, em todos os anos analisados apresentaram índices menores que um, ou seja, o Brasil possui desvantagem comparativa na produção desses grupos de produtos no comércio com a China.

Após analisar os Índices de Vantagem Comparativa Revelada e Vantagem Comparativa Revelada Simétrica, percebe-se que no comércio com a China, o Brasil apresenta vantagem comparativa nos produtos intensivos em recursos naturais, tais como Alimentos e Bebidas, Minerais e Papel e Celulose. Já os demais produtos com um maior grau de tecnologia e capital apresentaram baixos índices, ou seja, o Brasil possui desvantagem comparativa na produção destes. Dentre esses produtos estão os grupos de Máquinas e Equipamentos, Ótica e Instrumentos e Produtos Químicos como mencionado acima.

3.3 O comércio intra-indústria

Outro índice que será analisado é o do comportamento do comércio intra-indústria nas relações comerciais do Brasil com a China. O comércio intra-industrial pode ser entendido como a exportação e importação entre dois países de produtos do mesmo segmento industrial. Tem como característica a utilização dos mesmos fatores de produção em ambos os países e não é explicado pela teoria das vantagens comparativas, mas sim pelas economias de escala e diferenciação de produtos (VASCONCELOS, 2003).

Nesse sentido, (KRUGMAN E OBSTFELD, 2001) ressaltam que as vantagens comparativas se aplicam ao tipo de comércio inter-indústria e a importância relativa do comércio intra-indústria depende do grau de semelhança entre os países. Países que forem semelhantes na razão capital-trabalho tenderão a ter uma intensidade maior nas trocas intra-indústria do que inter-indústria.

Para a análise do comércio com a China, verificando se este é intra ou inter-industrial, será utilizado o índice desenvolvido por Grubel e Lloyd (1975). Este índice pode ser calculado no nível de produto ou indústria e também em valor agregado. O índice agregado, ou seja, para toda a economia é definido de acordo com Love (1979 apud FEISTEL e HIDALGO, 2011), com base na seguinte fórmula:

$$CIIA = 1 - \frac{\sum |X_i - M_i|}{\sum (X_i + M_i)} \quad (6)$$

Na expressão 6, tem-se que X_i representas as exportações do produto i , e M_i representa as importações do produto i . O valor numérico desse índice varia entre 0 e 1. Quando o CIIA é igual a 0, depara-se com um comércio do tipo inter-industrial. Já, se o CIIA for igual a 1, então todo o comércio é do tipo intra-industrial.

De modo análogo, o índice de comércio intra-indústria no nível de cada produto ou indústria i pode ser calculado, segundo Love (1979 apud FEISTEL e HIDALGO, 2011) de acordo com a seguinte expressão:

$$CII = 1 - \frac{|X_i - M_i|}{(X_i + M_i)} \quad (7)$$

Sendo: X_i = exportações do produto i , e M_i = importações do produto i .

O Gráfico 2 apresenta os Índices agregados de comércio intra-indústria entre o Brasil e a China no período de 1990 a 2012. Na sequência, apresenta-se a Tabela 5, com os resultados para cada grupo de produtos¹⁴.

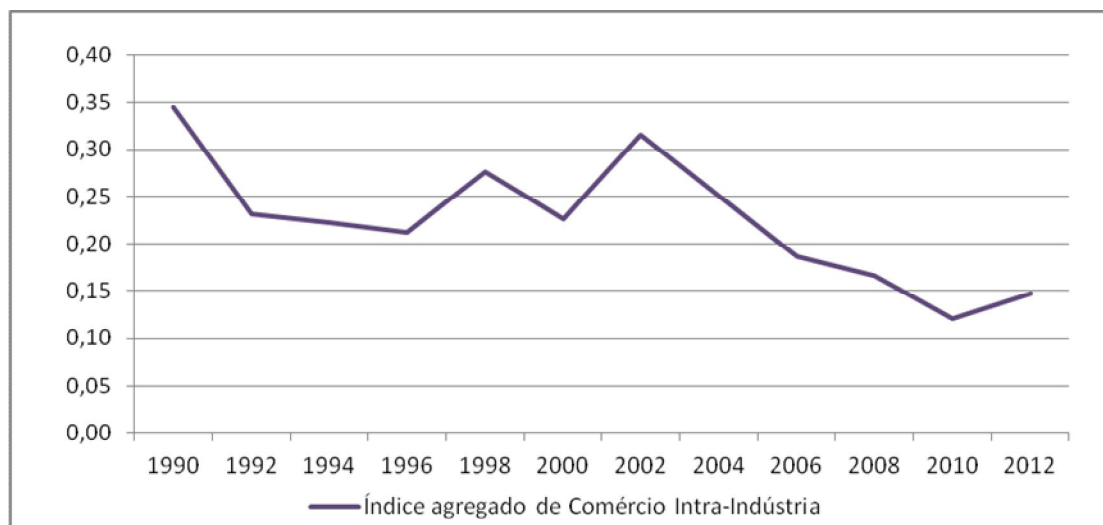


Gráfico 2 - Evolução do Índice agregado de Comércio Intra-Indústria

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do Sistema Alice Web – MDIC/Secex

¹⁴ O valor numérico calculado desse índice encontra-se no intervalo entre zero e a unidade. Quando o índice iguala-se a 0, deparamo-nos com um comércio do tipo inter-indústria, ou do tipo Heckscher-Ohlin. Por outro lado, se o índice calculado é igual a 1, então o comércio é do tipo intra-indústria.

De acordo com o índice agregado de comércio intra-indústria, que apresentou uma média de 0,23 durante o período, nota-se que o comércio brasileiro com a China caracterizou-se como sendo inter-industrial. Esse valor mostra que 23% do comércio é do tipo intra-industrial e o restante, 77%, é do tipo inter-industrial, ou seja, um comércio baseado na especialização da produção de cada país. (Ver Gráfico 2)

A tendência foi de queda durante o período, apresentando picos mais elevados em 1998 e 2002, quando atinge 0,28 e 0,32 respectivamente. O menor índice foi observado em 2010, com 0,12.

O resultado obtido confirma a tendência observada nas análises de (FESITEL, *et al*, 2011), as quais apresentaram uma redução no índice de comércio intra-indústria no período de 1989 a 2009. No entanto, os índices observados em (FEISTEL, *et al*, 2011) mostraram-se mais elevados, mas de igual forma, os autores concluíram que o comércio com a China é predominantemente inter-industrial baseado em exportações de Alimentos e Bebidas, e Minerais, e em importações de manufaturados tais como Máquinas e Equipamentos, Produtos Químicos e Têxteis.

A Tabela 5, na sequência, apresenta os resultados dos índices de comércio intra-indústria dividido por grupos de produtos.

Tabela 5 - Índice de Comércio Intra-Indústria por grupo de produtos, 1990 a 2012.

	1990	1992	1994	1996	1998	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012
Grupo de Produtos												
Alimentos e Bebidas	0,22	0,25	0,16	0,13	0,11	0,09	0,06	0,03	0,06	0,08	0,10	0,09
Minerais	0,72	0,21	0,42	0,42	0,66	0,40	0,53	0,41	0,08	0,18	0,03	0,02
Produtos Químicos	0,83	0,68	0,16	0,14	0,55	0,22	0,21	0,38	0,29	0,10	0,16	0,17
Plásticos e Borracha	0,08	0,18	0,61	0,53	0,27	0,90	0,83	0,79	0,79	0,27	0,33	0,34
Calçados e Couro	0,00	0,82	0,36	0,09	0,31	0,71	0,84	0,68	0,70	0,86	0,83	0,85
Madeira e Mobiliário	0,35	0,53	0,91	0,69	0,63	0,11	0,05	0,06	0,10	0,38	0,56	1,00
Papel e Celulose	0,02	0,02	0,12	0,33	0,26	0,08	0,03	0,03	0,10	0,19	0,22	0,36
Têxtil	0,16	0,64	0,07	0,03	0,02	0,03	0,29	0,23	0,16	0,07	0,13	0,36
Minerais Não-Metálicos	0,02	0,02	0,07	0,34	1,00	0,54	0,25	0,27	0,99	0,72	0,53	0,63
Metais Comuns	0,69	0,10	0,78	0,63	0,11	0,10	0,56	0,44	0,33	0,19	0,36	0,30
Máquinas e Equipamentos	0,09	0,41	0,27	0,26	0,13	0,15	0,45	0,25	0,15	0,07	0,05	0,05
Material de Transporte	0,02	0,24	0,73	0,45	0,98	0,40	0,34	0,68	0,66	0,66	0,74	0,85
Ótica e Instrumentos	0,40	0,41	0,26	0,07	0,06	0,07	0,13	0,08	0,05	0,03	0,04	0,06
Outros	0,01	0,03	0,00	0,00	0,01	0,01	0,05	0,09	0,05	0,03	0,03	0,06

Analisando a Tabela 5, verifica-se que o comércio intra-industrial do Brasil com a China apesar de ser oscilante durante o período, em anos mais recentes concentrou-se nos grupos de Calçados e Couros, Madeira e Mobiliário, Material de Transporte e Minerais Não-Metálicos, que em 2012 apresentaram índices de 0,85, 1,00, 0,85, 0,63, respectivamente.

No entanto, setores como Alimentos e Bebidas e Minerais que juntos correspondem com cerca de 85% das exportações para a China, apresentaram índices decrescentes, passando de 0,22 e 0,72, respectivamente, em 1990, para 0,09 e 0,40 em 2000, encerrando 2012 com índices de 0,09 e 0,02. Esse resultado define o comércio como inter-industrial, pois baseado nas vantagens comparativas, o Brasil apenas exporta e pouco importa tais grupos de produtos para/da China. (Ver Tabela 5)

Pelo lado das importações, os grupos de Máquinas e Equipamentos, Produtos Químicos e Têxteis, que corresponderam a 70% das importações provenientes da China em 2012, também se caracterizam como sendo de comércio inter-industrial. Em 2012, seus índices foram de 0,05, 0,17 e 0,36, respectivamente.

A partir da análise por grupos de produtos, se confirma como inter-industrial o comércio do Brasil com a China. Baseado na representatividade das exportações e importações percebe-se que as exportações são compostas principalmente por produtos intensivos em recursos naturais e já as importações por produtos com relação capital/trabalho maior. Assim os índices observados para esses grupos de produtos foram menores, pois cada país está se especializando na produção de bens que sejam intensivos nos fatores dos quais o país é bem dotado, ou seja, está ocorrendo o aproveitamento das vantagens comparativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou o desenvolvimento do comércio bilateral entre Brasil e China nos anos de 1990 até 2012. A fim de verificar a viabilidade dessa relação comercial para o Brasil foram calculados indicadores de comércio como o Índice de Concentração das exportações e importações, Índices de Vantagens Comparativas e o Índice de Comércio Intra-indústria.

As relações bilaterais entre Brasil e China se intensificaram a partir de 1990, com a abertura comercial brasileira, a estabilização da moeda e a redução de barreiras tarifárias. No entanto, até 2000, o fluxo de comércio com a China apresentou um crescimento modesto. A partir de 2001, em decorrência da mudança de política cambial e do incremento da demanda chinesa por produtos tradicionalmente vendidos pelo Brasil, ocorre um significativo crescimento, consolidando a China como principal parceiro comercial do Brasil. Posição que a China vem mantendo desde 2009, quando ultrapassou o comércio com os Estados Unidos.

Os resultados mostram que tanto as exportações quanto as importações são concentradas em poucos produtos. A concentração das exportações apresentou uma tendência de alta de 1990 a 2012, já a concentração das importações, apesar de oscilante, apresentou uma tendência de queda. A maior diversificação das importações do que das exportações vai de acordo com a expectativa de comércio de um país, pois geralmente o comércio internacional leva a uma diversificação do consumo e a uma especialização da produção. Em relação ao índice de concentração por destino, constata-se que existe um grau de concentração de países de destino e de origem do comércio exterior do Brasil.

As exportações e importações da China são concentradas em poucos produtos, podendo tornar a economia vulnerável e dependente da demanda externa de alguns segmentos de produtos. As exportações brasileiras para a China são concentradas basicamente em produtos primários, commodities, já, as importações, em produtos de maior valor agregado como manufaturados, produtos químicos e de capital.

Os grupos de produtos de Alimentos e Bebidas e Minerais se destacam como principais produtos em que o Brasil detém Vantagens Comparativas na produção, contribuindo positivamente para o saldo comercial do comércio com a China. Assim, os produtos de maior competitividade são aqueles intensivos em recursos naturais. Em relação aos produtos intensivos em mão de obra, como os grupos de Calçados e Couro e Têxtil, o Brasil não apresenta vantagem comparativa, ou seja, perde competitividade em comparação aos produtos oriundos do mercado chinês. Mas a desvantagem é ainda maior quando se trata dos produtos manufaturados e de maior intensidade tecnológica, como os segmentos de Máquinas e Equipamentos, Ótica e Instrumentos e Produtos Químicos.

Confirmando a hipótese levantada, o comércio brasileiro com a China caracterizou-se como sendo essencialmente interindustrial, ou seja, cada país está se especializando na produção de bens que sejam intensivos nos fatores dos quais o país é bem dotado, caracterizando o comércio do tipo Heckscher-Ohlin. A estrutura de comércio baseou-se em

exportações de Alimentos e Bebidas, e Minerais, e em importações de manufaturados tais como Máquinas e Equipamentos, Produtos Químicos e Têxteis.

Os índices de comércio intra-indústria apresentaram-se baixos e com tendência de queda durante os anos de 1990 a 2012, concentrando-se nos setores de Calçados e Couros, Madeira e Mobiliário, Material de Transporte e Minerais Não-Metálicos.

Diante dos resultados obtidos nota-se a representatividade da China no comércio exterior do Brasil e a importância dessa relação comercial para a economia brasileira. O comércio está baseado essencialmente em exportações de produtos primários, e importações de produtos manufaturados ou de maior intensidade tecnológica. Percebe-se assim, a importância de se obter maiores índices de comércio intra-indústria, a fim de diversificar a pauta exportadora do Brasil para a China, para o país deixar de ser dependente apenas da demanda de poucos segmentos de produtos, como os bens primários.

A preponderância de interesses financeiros imediatos, sendo um deles a geração de superávits na balança comercial, vem ocasionando no Brasil a falta de um planejamento de longo prazo, visando uma política industrial que proporcione um desenvolvimento competitivo nos setores produtivos de maior valor agregado.

Esse ponto caracteriza o motivo das exportações do Brasil para a China concentrarem-se em bens primários e as importações em bens tecnológicos. A China vem de um processo histórico de incentivos à indústria. De acordo com (NONNEMBERG, *et al*, 2008) no início da década de 80, Deng Xiaoping, inicia uma série de mudanças na economia, sendo uma delas uma política industrial baseada em pesquisa e desenvolvimento, investimentos em infraestrutura, incentivos fiscais, criação de zonas econômicas especiais. No entanto, o Brasil ainda hoje não possui uma política industrial estratégica, além do debate em torno da questão de se o Brasil deve aceitar suas vantagens comparativas e continuar exportando bens primários, ou atrair suas atenções para o desenvolvimento do setor industrial.

Em uma análise de curto prazo, verifica-se a necessidade de políticas de investimento público e privado para a ampliação de mercados, principalmente de setores como Calçados e Couros, Madeira e Mobiliário, Material de Transporte, nos quais o país já apresenta certo desenvolvimento e participação nas exportações para a China.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, M. de. **Os benefícios do câmbio desvalorizado para a balança comercial**. Revista FAEBUSINESS, n.5, abr. 2003. Disponível em: <http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/revista_fae_business/n5/ambeconomico_osbeneficiosdo_cambio.pdf>. Acesso em: outubro de 2013.

ALMEIDA, P.F.C. de. **A Recuperação Econômica Brasileira: do que ela é feita?** Conjuntura FEE, Ano 9, n° 11, julho de 2000. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article>> Acesso em: agosto de 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: janeiro de 2012.

CASTRO, J. **Brasil, China e a reprimarização do Brasil**. Argentina, 29 maio 2011. Disponível em: <http://alterbrasil.blogspot.com/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: agosto 2013.

FEISTEL, P. R; HIDALGO A. B. **A competitividade das regiões brasileiras no intercâmbio comercial com a China**. IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos - IX ENABER, 2011.

FEISTEL, P. R; HIDALGO A. B.; ZUCHETTO, F. B. **Os determinantes do intercâmbio comercial de produtos agrícolas entre Brasil e china: o caso da soja**. 39º Encontro Nacional de Economia - ANPEC/Foz do Iguaçu, 2011.

FEISTEL, P. R; HIDALGO A. B. **O Intercâmbio Comercial Nordeste-China: Desempenho e Perspectivas**. XVI Encontro Regional de Economia. Volume 42, Nº 04, Outubro/Dezembro, 2011.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional: teoria e política**. São Paulo: Makron Books, 2001.

NONNEMBERG, M.B.; LEVY, P.M.; NEGRI, F. de; COSTA, K. P. da. **O crescimento econômico e a Competitividade Chinesa**. Texto nº 1333 IPEA. Rio de Janeiro, abril de 2008. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_1333.pdf. Acesso em: agosto 2013.

PUGA, F. P.; CASTRO, L. B. de; FERREIRA, F. M. R.; NASCIMENTO, M. M. **O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento**. Rio de Janeiro: BNDES, Abr. 2004. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/td/td-104.pdf>>. Acesso em: agosto de 2013.

THORSTENSEN, V.; et al. **O Brasil frente a um mundo dividido em blocos**. Instituto Sul-Norte: Livraria Nobel, 1994.

UNITED NATIONS COMMODITY TRADE STATISTICS DATABASE. Statistics division. Disponível em: <<http://comtrade.un.org>>.

VASCONCELOS, C. R. F. **Padrão de especialização do fluxo de comércio exterior do Rio Grande do Sul na década de 1990.** Recife: V Encontro de Economistas da Língua Portuguesa, NOV/2003b.

ANEXOS

Anexo A - Critérios de classificação dos capítulos da NCM, segundo grupos de Produtos.

Grupos de Produtos	Capítulo NCM	Descrição
Alimentos e Bebidas	1 ao 24	Produtos de origem animal: animais vivos, carnes, peixes, laticínios e ovos. Produtos de origem vegetal: plantas vegetais, frutas, café, chá, cereais, amidos, trigo, grãos, sementes, gomas, gorduras e óleos de origem animal e vegetal. Produtos alimentares, bebidas e fumo: carnes preparadas, açúcares, cacau, farinhas, preparados de cereais, pastelaria, preparados de frutas ou vegetais, bebidas alcoólicas, ou não, e fumo.
Minerais	25 a 27	Sal, enxofre, gesso, cal, cimento, minérios, combustíveis e ceras minerais.
Produtos Químicos	28 a 38	Inorgânicos, orgânicos, farmacêuticos, fertilizantes, tintas, óleos, essências, sabões, ceras, colas, pólvora e produtos para fotografia.
Plásticos e Borracha	39 a 40	Produtos plásticos e borracha.
Calçados e Couro	41 a 43 e 64 a 67	Calçados, chapéus, guarda-chuvas, peles e obras de couro.
Madeira e Carvão Vegetal	44 a 46	Madeira, cortiça e obras de madeira.
Papel e Celulose	47 a 49	Papel e impressos.
Têxtil	50 a 63	Fios, tecelagem e confecções.
Minerais não-metálicos	68 a 71	Obras de pedra, cerâmica e vidro, pérolas, pedras preciosas e metais preciosos.
Metalurgia	72 a 83	Ferro, aço, cobre, níquel, alumínio, chumbo, zinco, estanho e ferramentas.
Máquinas e Equipamentos	84 a 85	Máquinas e equipamentos elétricos.
Material de Transporte	86 a 89	Veículos de transporte, automóveis, tratores, aeronaves e embarcações.
Ótica e instrumentos	90 a 92	Ótica, fotografia e instrumentos de medida e controle.
Outros	93 a 99	Armas e munições, mercadorias diversas, móveis, iluminação, brinquedos, produtos de esporte e objetos de arte.